Luís Manuel Vieira dos Santos

CRISES, FACTOS E ESTRATÉGIAS

"Em política, nada ocorre por acaso. Cada vez que um acontecimento surge, pode-se estar seguro que foi previsto para levar-se a cabo dessa maneira."

Franklin D. Roosevelt

Será ingenuidade da nossa parte afirmar que todos os erros que se cometem, e alguns são flagrantes, que o são por incapacidade mental ou técnica de quem dirige e que os responsáveis que os cometem não os enquadrem efectivamente numa estratégia própria que tem como objectivos, factos que não são reconhecíveis por todos. Na política, como num jogo de cartas, só algumas estão à vista. Outras se escondem e na política há mesmo cartas que não estão no baralho. Esquecer isto é à partida não entender "o jogo".

O desespero e a miséria que estão a ser criados por aparentes crises financeiras, e onde os próprios governos terão pouca capacidade de influenciar, devesse as grandes corporações e interesses que se movimentam numa economia globalizada controlada e que não funciona ao acaso. Lembremos que não foi o armamento em si que fez cair a ex-União Soviética mas a corrida ao armamento e o esforço financeiro que lhe estava inerente. Estudando a estratégia que o Estados Unidos usaram na altura podemos ver que houve a simulação de uma tecnologia espacial (star wars) que estariam a implementar para conseguiram o colapso económico do oponente, dado que militarmente a situação não teria vencedores.

Há por trás destas crises uma estratégia, uma engenharia social que permite realizar transformações, criar factos políticos artificiais que vão preparando a opinião pública para aceitarem, ou não, situações e assim irem posicionando as peças no tabuleiro do xadrez político.

Não temos de diabolizar toda a classe política por todos os aspectos mas devemos exigir responsabilidades políticas e judiciais. Temos de ter presente que uma parte dos agentes políticos podem estar a ser alvo (e são concerteza) de um controlo e manipulados de forma, consciente ou inconsciente, pelos mecanismos que a globalização tem vindo a introduzir gradualmente. Pensar que a globalização existe para favorecer o comércio dos países é uma idéia ingénua. Em vários momentos da história o conceito de globalização foi usado, através de diversos modelos políticos e sociais, no entanto hoje a tecnologia, e nós mesmos, como agentes passivos que usamos essa tecnologia de uma forma pouco criteriosa e muito perigosa permite fazer o que no passado era impossível. O comércio entre países sempre existiu mas, a dependência perante normas externas de entidades que regulam a estratégia (ou a falta dela) de cada país, impede que os interesses soberanos sejam precavidos. Se por exemplo um país depender de receitas associadas ao turismo, basta haver alterações climatéricas ou uma crise financeira que afecte os potenciais turistas para que a economia desse Estado ficar em causa. Vejamos um exemplo de falta de estratégia: Portugal pais produtor e transformador de resina deixou de produzir 120 mil toneladas tendo ficado nas 10 mil e, de 50 fábricas de destilação passaram a existir 10. Esta situação deveu-se à entrada no mercado mundial da China que produz resina a preços muito baixos e incomportáveis para os produtores portugueses e da Europa. Mas se aqui ficaram em causa um enorme número de postos de trabalho e fonte de rendimentos para muitos pequenos produtores (que o Estado não apoiou ou não soube apoiar devidamente …) não se contabilizam os custos inerentes aos incêndios que aumentaram porque deixou de haver o natural acesso às florestas pelos donos dos pinheiros, e o que isso representava na limpeza das mesmas. Que custos isso tem tido para a nossa economia? Quem fez as contas esqueceu-se de pensar nos danos colaterais … ou interesses extra governação aconselhava a ignorar o facto.

Outro aspecto que não deve ser subestimado, com o risco de se ser efectivamente ingénuo é ignorar que ao longo da história, e neste momento também, existam indivíduos e grupos políticos capazes de qualquer coisa

para atingirem os seus objectivos, independentemente das consequências para as populações já que as mesmas são vistas como fonte de rendimento para essas entidades. Sem recuar muito na história e na geografia temos o caso da ex-Jugoslávia. Temos exemplos de personagens que se dedicaram totalmente ao bem e a servir e ajudar os mais carenciados mas também há criaturas puramente egoístas e desprovidas de valores éticos e morais em lugares na estrutura de poder.

As nossas sociedades, do chamado Primeiro Mundo, têm-se mantido relativamente estáveis, abastadas e democráticas desde a II Grande Guerra, mas as transformações que estão em curso mostram claramente um retrocesso que não será invertido a não ser que algo relevante coloque em causa o processo em curso.

São Vicente de Paulo – 1581-1660 nos cem anos que antecederam a Revolução Francesa iniciou uma obra de assistência aos mais pobres em França e com isso conseguiu criar as condições para um amenizar da revolta que se gerava contra uma nobreza, e algum clero, que viviam numa opulência obscena. Hoje vemos uma classe de políticos e dirigentes novos-ricos e um empobrecimento acelerado de uma classe média, gerando-se níveis de pobreza insuportáveis enquanto uma pequena minoria ostenta o seu luxo e privilégios de uma forma despudorada.

Quando a galinha já não puser ovos então faz-se canja, o problema é que a galinha fica sem cabeça.

Uma forma de criar um espírito critico e analítico perante a situação é definir quais os elementos importantes para estudo e comparação das situações. Por exemplo … o que se está a passar ao nível da cultura e ensino? Em momentos de fraqueza e declínio o processo de relativização dos valores e da produção de um ensino medíocre e imbecilizante produz uma população mais facilmente controlável. A produção de uma grande dose de informação insuficiente e mesmo errada dificulta a compreensão dos diversos fenómenos em curso. A produção de grandes espectáculos para manter as populações entretidas. Estes são exemplos de elementos que poderão ser usados para aquele que pretende estar atento ao que se passa. Evitar discursos, ideias feitas, literatura formatada são também aspectos a considerar.

Todos somos responsáveis em menor ou maior grau do que se passa. A ideia que a culpa é somente dos políticos é uma forma de dizer que somos irresponsáveis e que temos de colocar as soluções nas mãos daqueles que, frequentemente são co-responsáveis pelo estado das coisas. Gandhi enfrentou o maior Império da altura e conseguiu …

O responsável pelo ensino de artes marciais, nomeadamente as japonesas deve ser claro na transmissão da ideia da importância do ensino da estratégia e do reconhecimento da realidade (Heiho). A leitura de clássicos como Sun-Tzu, Clausewitz, Aníbal, César, Maquiavel, Musashi, Yamamoto Tsunetomo ou Yagyu Munenori não são suficientes.

> *"O mundo divide-se em três categorias de gentes: Um muito pequeno número que produz acontecimentos, um grupo um pouco maior que assegura a execução e mira como acontecem, e por fim uma ampla maioria de não sabe nunca o que ocorreu em realidade "*

Nicholas Murray Butler